



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 4

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 4

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em
história 4

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história 4 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-906-6

DOI 10.22533/at.ed.066211903

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O livro *Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História 2* está dividido em três volumes. Todos os capítulos tratam de temas relacionados à história do Brasil e ou geral.

Organizado em grandes temáticas, as obras trazem discussões sobre história, gênero e sexualidade; ensino de história em todos os níveis (educação infantil, educação básica e ensino superior); pesquisas historiográficas; capítulos sobre lutas pela terra no Brasil; estudos sobre gastronomia (brasileira e árabe); cinema; economia; imprensa; raça; memória; narrativas pessoais e estudos de personalidades; tecnologia; história e ciência, dentre outras temáticas.

Em suma a obra é uma grande possibilidade de descobrir o que se tem de novo e de velho na História, ou seja, os mais diversos trabalhos e temas pesquisados na historiografia.

No volume I encontramos artigos sobre o século XIX e XX no Brasil a respeito do nacionalismo, a construção da sociedade imperial e pensar a identidade nacional a partir de processos migratórios.

Além disto, capítulos dedicados a estudos com fontes de atas de conselhos em Sergipe, problematizações sobre o tráfico africano, fontes cinematográficas, testamentos e até mesmo fontes utilizadas para compreender o reinado de Ramessés III no Egito.

Por fim o primeiro volume se encerra com dois artigos sobre a Idade Medieval, um tratando de Beowulf e outro da Cocanha.

Já no volume II as temáticas mais amplas abarcam pesquisas sobre ensino de história, alguns trabalhos sobre história geral e também gastronomia. Iniciando com trabalhos sobre o PIBID e práticas avaliativas, o segundo volume traz capítulos que versam sobre a construção do processo ensino aprendizagem em História, refletindo sobre os desafios e algumas perspectivas. Além disto, um capítulo sobre a BNCC, atual e articulado às discussões presentes partindo da realidade posta na rede pública.

Em um segundo momento, o volume II traz amplas contribuições a respeito do ensino sobre a África em sala de aula bem como questões étnico-raciais e narrativas em disputa.

Seguindo o modelo do primeiro volume, este se encerra trazendo capítulos que versam sobre as mais diversas fontes de pesquisa em História, como arquivos públicos, periódicos, imprensa, literatura,

O livro termina com algumas reflexões a respeito da história da ciência e pesquisas sobre gastronomia.

O volume III dedica-se a reflexões sobre gênero em sala de aula, representações do feminino, o retrato da mulher na sociedade colonial brasileira, a insubmissão feminina e discursos contra hegemônicos e a sexualidade indígena. Este último capítulo faz a ponte com o tema seguinte: disputas sobre a terra no Brasil e na América do Sul.

Em seguida você encontra capítulos sobre religiosidade, sobre a arte de curar, história e memória e história oral. O livro encerra com artigos sobre a Ditadura civil militar no Brasil (1964-1985) e uma discussão sobre a esquerda brasileira.

Em suma, você tem em mãos três obras organizadas sobre os mais diversos campos, aspectos e áreas da historiografia brasileira e mundial. Aqui você encontrará capítulos que poderão contribuir para enlanguescer as pesquisas em História e também a partilha de experiências docentes nos mais diversos níveis de educação.

Espero que encontre nas leituras dos capítulos embasamento teórico metodológicos, amparo nas pesquisas e que esses capítulos contribuam para enriquecer o campo de ensino e pesquisa em História.

Agora que a profissão historiadora/historiador é regulamentada, precisamos investir ainda mais em pesquisas e divulgação destas pesquisas. Neste sentido a Atena Editora se compromete a dar visibilidade aos mais diversos temas que compõem esta obra dividida em três volumes.

Boa leitura!
Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
#EXPOSED: COMO A DISCUSSÃO DE GÊNERO EM SALA DE AULA PODE AJUDAR A COMBATER O ASSÉDIO SEXUAL NAS ESCOLAS	
Ortiz Coelho da Silva	
Janaína Guimarães da Fonseca e Silva	
Francisca Mariana Melo Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0662119031	
CAPÍTULO 2	17
A COMISSÃO ESTADUAL DA LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA (LBA) E A ASSISTÊNCIA À SAÚDE INFANTIL NO PIAUÍ (1942-1945)	
Francilene Teles da Silva Sousa	
Joseanne Zingleara Soares Marinho	
DOI 10.22533/at.ed.0662119032	
CAPÍTULO 3	31
EDUCAÇÃO INFANTIL E FEMINISMO: UM ESTUDO DE CASO	
Paola Camila Branco Lucena	
DOI 10.22533/at.ed.0662119033	
CAPÍTULO 4	37
AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM RETRATOS FOTOGRÁFICOS DO ESTÚDIO REUTLINGER NOS TEMPOS DA BELLE ÉPOQUE (1900-1915)	
Marco Antonio Stancik	
Ana Regina Praxedes Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.0662119034	
CAPÍTULO 5	45
A MULHER NA SOCIEDADE COLONIAL BRASILEIRA: UM ENFOQUE EM MINAS GERAIS NO SÉCULO XVIII	
Alex Augusto de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0662119035	
CAPÍTULO 6	54
A SEXUALIDADE INDÍGENA NAS PERGUNTAS DE UM CONFESSIONÁRIO TUPI NO PARÁ DO SÉCULO XVIII	
Jaqueline Ferreira da Mota	
DOI 10.22533/at.ed.0662119036	
CAPÍTULO 7	79
MULHERES SEM TERRA INSUBMISSAS: REFLEXÕES SOBRE OS FEMINISMOS CONTRA HEGEMÔNICOS EM CONTEXTOS RURAIS EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL	
Flávia Pereira Machado	
DOI 10.22533/at.ed.0662119037	

CAPÍTULO 8.....	94
TERRA OU MORTE: AS DENÚNCIAS DAS FEDERAÇÕES CAMPONESAS E YANACONAS CONTRA AS FAZENDAS E O GOVERNO PERUANO, EXPOSTAS NO JORNAL UNIDAD (1960-1963)	
Marcos Marcial Matos Malpartida	
DOI 10.22533/at.ed.0662119038	
CAPÍTULO 9.....	107
A CABEÇA BRANCA DA HIDRA E SEUS PÂNTANOS: SUBSÍDIOS PARA UMA GEOGRAFIA DA HISTÓRIA DA AMAZÔNIA MARANHENSE, E PARA NOVAS PESQUISAS SOBRE COMUNIDADES INDÍGENAS, QUILOMBOLAS, E CAMPONESAS	
István van Deursen Varga	
Raimundo Luís Silva Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.0662119039	
CAPÍTULO 10.....	120
A DIOCESE DE ITAGUAÍ, A LUTA PELA TERRA E AS COMUNIDADES TRADICIONAIS NO LITORAL SUL FLUMINENSE ENTRE 1970 E 1990	
Maria do Carmo Gregório	
DOI 10.22533/at.ed.06621190310	
CAPÍTULO 11.....	132
ENTRE A RELIGIOSIDADE E A INSURGÊNCIA: AS SANTIDADES INDÍGENAS NO BRASIL COLONIAL	
Juliana Mary Lourenço	
DOI 10.22533/at.ed.06621190311	
CAPÍTULO 12.....	144
MUDANÇAS NO CENÁRIO RELIGIOSO BRASILEIRO: A ASCENSÃO DO PENTECOSTALISMO, A REVERBERAÇÃO DA CRISE DO CATOLICISMO E A BUSCA MISSIONÁRIA CATÓLICA POR NOVOS FIÉIS (1950-2000)	
Derllânio Telecio da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.06621190312	
CAPÍTULO 13.....	154
A ARTE DE CURAR (PRÁTICAS DE CURA) E SUA “CRIMINALIZAÇÃO” EM IRATI E MALLETT- PR - PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	
Henrique Alexandro Senderski	
DOI 10.22533/at.ed.06621190313	
CAPÍTULO 14.....	163
“O QUE EU ME LEMBRO, EM PRIMEIRO LUGAR, EU NÃO SEI O PORQUÊ... OS AFOXÉS!”	
Alberto Bomfim da Silva	
Edson Farias	
DOI 10.22533/at.ed.06621190314	

CAPÍTULO 15	177
PROJETO DE EDIÇÃO DE LIVRO: MORRO DO PARAMIRIM, A VILA DE BREJEIROS E BARRANQUEIROS	
<i>Maria de Fátima Magalhães Mariani</i>	
<i>Leandro Magalhães Mariani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190315	
CAPÍTULO 16	189
MEMÓRIAS DA FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO (1808-1840)	
<i>Helber Renato Feydit de Medeiros</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190316	
CAPÍTULO 17	204
NAS TRILHAS DA MEMÓRIA: LEMBRANÇAS ATUAIS DO REPERTÓRIO REPENTISTA DE ZÉ DA PRATA	
<i>Josi de Sousa Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190317	
CAPÍTULO 18	219
VISÕES DE UMA PEREGRINA: OS CAMINHOS ENTRE SAGRADO E PROFANO NA PEREGRINAÇÃO À CIDADE DE DIVINA PASTORA	
<i>Alice Batista Guimarães</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190318	
CAPÍTULO 19	231
ENTRE A LEI E A TRIBUNA: O INÍCIO DA VIDA PÚBLICA DE JOAQUIM NUNES MACHADO (1834-1837)	
<i>Manoel Nunes Cavalcanti Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190319	
CAPÍTULO 20	243
LUIZ AUGUSTO MAY NA CAPITANIA DO GRÃO PARÁ E RIO NEGRO: ESTRATÉGIAS PARA A DEFESA DO DA REGIÃO (1813)	
<i>Myriam Paula Barbosa Pires</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190320	
CAPÍTULO 21	255
KARL POPPER E A CIÊNCIA HISTÓRICA	
<i>Rafael Cavalheri Peres</i>	
<i>Diego Rodstein Rodrigues</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190321	
CAPÍTULO 22	263
VELHOS DILEMAS, NOVOS PARADIGMAS: OS IMPACTOS DA DIGITALIZAÇÃO DE DOCUMENTOS EM PESQUISAS SOBRE A DITADURA MILITAR BRASILEIRA	
<i>Juliano Cabral Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.06621190322	

CAPÍTULO 23	275
O JORNAL <i>A LUTA</i> E O ANIVERSÁRIO DO GOLPE DE 1964 Caio Vinícius Silva Teixeira Claudia Cristina da Silva Fontineles DOI 10.22533/at.ed.06621190323	
CAPÍTULO 24	288
ESQUERDA POSITIVA OU ESQUERDA NEGATIVA? LEONEL BRIZOLA E SAN TIAGO DANTAS DURANTE O GOVERNO JOÃO GOULART (1961-1964) Marcelo Marcon DOI 10.22533/at.ed.06621190324	
SOBRE A ORGANIZADORA	298
ÍNDICE REMISSIVO	299

CAPÍTULO 14

“O QUE EU ME LEMBRO, EM PRIMEIRO LUGAR, EU NÃO SEI O PORQUÊ... OS AFOXÉS!”

Data de aceite: 01/03/2021

Data de submissão: 18/12/2020

Alberto Bomfim da Silva

Doutorando em memória pelo Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade PPGMLS/UESB; mestre em Letras pelo PPGCEL/UESB; graduado e pós-graduado em História também pela UESB; professor da Rede Municipal de Educação; bolsista FAPESB <http://lattes.cnpq.br/2833137550372005>

Edson Farias

Doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP - Brasil; pesquisador do CNPq; professor do PPGSOL/UnB e do PPGMLS/cty1UESB; pesquisador do CMD/UnB; editor da revista Arquivos do CMD <http://lattes.cnpq.br/8296375817062543>

RESUMO: Este capítulo trata da importância da memória religiosa no processo de carnavalização em Vitória da Conquista, Bahia, vivenciada por grupos carnavalescos, sobretudo os afoxés, aqui denominados associações negras e mestiças, que atuaram como agentes sociais de relevante expressão na segunda metade do século XX. Estes grupos sociais elidiram agenciamentos discursivos que retomavam, visibilizavam, reproduziam, apropriavam, ressemantizavam, enfim, construíam uma memória das representações culturais afro-brasileiras. Busca-se problematizar o lugar do processo de carnavalização na constituição desses grupos e a importância da memória religiosa nas

construções identitárias dos afoxés, sua herança banto e sua relação com a umbanda. A partir dos usos metodológicos da história oral e da análise de fotografias, conclui-se que a ousadia dos afoxés, no carnaval de rua conquistense foi fundamental para o protagonismo negro e mestiço dessa cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Carnavalização, Memória, Afoxé.

“WHAT I REMEMBER, IN THE FIRST PLACE, I DON’T KNOW WHY ... THE AFOXÉS!”

ABSTRACT: This chapter, deals with the importance of religious memory in the carnivalization process in Vitória da Conquista, Bahia, Brazil, experienced by carnival groups, especially the afoxés, here called black and mestizo associations, who acted as social agents of relevant expression in the second half of the sec. XX. These social groups built discursive agencies that resumed, visualized, reproduced, appropriated, resemantized, in short, built a memory of Afro-Brazilian cultural representations. We seek to problematize the place of the carnivalization process in the constitution of these groups and the importance of religious memory in the identity constructions of the afoxés, their Bantu heritage and their relationship with Umbanda. From the methodological uses of oral history and the analysis of photographs, it is concluded that the alweless of the afoxés, in the street carnival in Conquista, it was fundamental for the black and mestizo protagonism of this city.

KEYWORDS: Carnavalization, Memory, Afoxé.

INTRODUÇÃO

Este capítulo deriva da pesquisa que está sendo realizada para a tese de doutoramento no Programa de Pós-graduação em Memória PPGMLS/UESB: As associações negras e mestiças de Vitória da Conquista entre os trânsitos políticos e culturais da carnavalização (1950-2000). Aqui se apresentam os argumentos que demonstram a sobremaneira importância dos afoxés do carnaval conquistense para a estabilidade estética da própria festa, para a manutenção da memória religiosa de matriz africana e para a mediação dos processos psicosimbólicos que formaram as entidades dos movimentos negros na cidade.

Ao mesmo tempo em que, numericamente, estavam entre os grupos menos relevantes, os afoxés se destacaram na construção de um capital simbólico diretamente ligado à cultura afro-brasileira. Seus cortejos se limitavam a atuação de poucas dezenas de pessoas ligadas aos terreiros de umbanda, enquanto os blocos carnavalescos comuns chegaram a ser acompanhados por milhares de foliões. Os afoxés e os demais grupos que chamamos de associações negras e mestiças do carnaval, fizeram emergir a importância dessas pessoas e sua produção cultural em Vitória da Conquista, uma cidade imersa em práticas e representações sociais que tentavam inferiorizar os afro-brasileiros, suas práticas e símbolos, hoje, constantemente referida pelo senso comum como “Suíça baiana”.

O título deste capítulo foi tomado de empréstimo de Elizabeth Ferreira Lopes Moraes¹, mais conhecida como Beta, mulher negra que se tornou referência entre as lideranças dos movimentos negros da cidade a partir da década de 1980. Após analisar um conjunto de fotografias dos antigos carnavais conquistenses, procedimento metodológico aplicado a todas as entrevistas utilizadas na tese, ela inicia sua narrativa dizendo: “O que eu me lembro, em primeiro lugar, eu não sei o porquê... Os afoxés!”. Toda sua trajetória de vida é atravessada pelo carnaval e pela militância nos movimentos negros. Ela saiu em escola de samba e foi organizadora dos primeiros blocos afros da cidade, mas nunca desfilou em afoxé, é revelador da importância destes grupos que sejam, logo eles, os primeiros referidos em seu processo de recordação.

Beta conta que se reconhece como gente sendo levada ao carnaval pelos irmãos mais velhos, João Banana e Antônio, organizadores da Escola de Samba Em Cima da Hora, com cerca de 5 anos de idade. Com aproximadamente 13 anos, ela também desfilou nessa escola, cuja a maioria dos participantes “em torno de 80 a 90 por cento eram negros”². Tal proporção de negros e mestiços se verificava nos grupos carnavalescos aqui estudados, segundo a reconstrução de memória da maioria dos entrevistados. É com o olhar da memória que conduzimos este estudo.

A memória possui traços emocionais e pulsões condicionadas ao mesmo tempo em que é institucionalmente regulada por molduras sócio históricas. Na atualidade, não

1. Entrevista concedida por Elizabeth Ferreira Lopes Moraes, 61, professora, em 11/03/2017

2. Entrevista concedida por Elizabeth Ferreira Lopes Moraes, 61, professora, em 11/03/2017

está conformada como uma ciência específica, outrossim, atravessa as outras ciências e se situa num campo de disputas, seja socialmente, como instrumento de poder apropriada por diferentes grupos sociais, seja academicamente, como uma área do conhecimento em construção. Pode-se falar em multimodalidade da memória enquanto lugar de produção de ciência (FARIAS, 2016).

Este estudo atenta, ainda, para as situações em que o processo de lida com o festivo, a derrisão, o desgoverno, o lascivo, o musical e o próprio uso do corpo metamorfoseiam-se em uma prática política como já fora apontado por Mikhail Bakhtin (2013) e Renato Ortiz (2017). No caso conquistense, investiga-se sua relação com as lutas por liberdade e cidadania através da estética carnavalesca. Não é novidade a associação das práticas e representações afro-brasileiras com o carnaval. Em quase todo o Brasil vários autores têm atentado para isso como Edson Farias (2012); Renato Ortiz (2017); Roberto DaMatta (1997), Milton Moura (2009 e 2010) e outros. É possível analisar o carnaval conquistense enquanto mimese de outros cenários, sobretudo, das cidades do Rio de Janeiro e Salvador.

O percurso metodológico feito até aqui foi basicamente um entrecruzamento de diversas fontes. Seguiu, principalmente, dois caminhos que, por vezes, se encontraram ou se cruzaram produzindo novas perguntas e exigindo, eventualmente, o retorno às fontes já visitadas. São elas:

A) Realização de entrevistas com pessoas envolvidas com os carnavais de rua, sobretudo organizadores de grupos carnavalescos, seguindo predicados da pesquisa em história oral (FERREIRA; AMADO, 2002). Aos entrevistados foram apresentadas fotografias relacionadas aos carnavais de rua de Vitória da Conquista, entre 1954 e 1999, em seguida, estimulados a construir uma narrativa a partir de suas recordações sobre a festa. Buscou-se explorar das narrativas, as informações que apareciam em comum nas diferentes entrevistas.

B) Análise das mais de 1900 fotografias relacionadas ao carnaval encontradas no Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista (APMVC). Estamos no processo de construção de tabelas dessas fotografias, organizando-as por ano, séries temáticas e quantidades. Procurou-se identificar nas imagens quais sistemas simbólicos se repetiam com mais frequência, em que períodos e relacionados a quais grupos de pessoas.

A operação com a memória, enquanto objeto de conhecimento, exige um cuidado duplo, pois tanto os símbolos têm um significado próprio na memória construída no tempo em que ocorreu o carnaval, normalmente diferente do que significava em tempos anteriores, como a memória acionada no momento das entrevistas é também construída, dessa vez com os predicados do tempo atual em que se realiza o trabalho. O que, é claro, instaura uma problemática na dimensão veritativa da memória, exigindo redobrada atenção para que se mantenha o rigor na prática de pesquisa, atendo-se às evidências empíricas em conjunto com uma análise teórica consistente.

No conjunto da pesquisa são utilizadas diversas fontes, sobretudo a fotografia, tomada como uma unidade de manifestação autossuficiente enquanto texto ou discurso, suscetível de análise, como diz Ana Mauad, a “[...] leitura da fotografia é sempre histórica” (MAUAD, 1996, p. 11). Com isso, a fotografia compõe o tipo de texto que pode servir como fonte para o pesquisador, pois se pode percebê-la dentro de suas possibilidades e limitações semióticas.

Eis os grupos que classificamos, até aqui, como associações negras e mestiças no carnaval de Vitória da Conquista:

A) **Afoxés** – Afoxé Filhos de Angola (de mãe Conceição e Raimundo), Afoxé Filhos de Iansã (de pai Cely), Afoxé Filhos de Ogun (mãe Merentina), Afoxé Filhos de Oxóssi (de pai Zuíno), Afoxé Pena Verde (de pai Gildásio), Afoxé de mãe Vitória de Petú, Afoxé Rei do Congo, Afoxé Filhos do Congo e Afoxé Tupinambá Rei da Floresta. Não foi possível identificar, ainda, a quais terreiros pertenciam os últimos três afoxés. Há também depoimentos contraditórios que apontam pai Beneval como o líder do Afoxé Filhos de Ogun e pai Raimundo como líder do Afoxé Filhos de Oxóssi.

B) **Batucadas** – Batucada Conquistense (de Enedino Ribeiro), Batucada Conquistense (de Almerindo Prates), Batucada Conquistense (de Juraci Braga), Batucada Conquistense (de Joelson Madeira), Batucada Conquistense (de Paulo Pereira), Batucada Acadêmicos do Samba (de Edvaldo Lopes), Batucada Acadêmicos do samba (de Luís Dionísio), Batucada Acadêmicos do Samba (de Miguel Félix), Batucada Tranxinxin, Batucada Caidô, Batucada Unidos do São Vicente, Batucada O Oi da Lua, Batucada Imperadores do Samba, Batucada Gabiraba e Batucada Malandros do Morro.

C) **Escolas de samba** – Mocidade da Corrente, Em Cima da Hora, Império Serrano, União do São Vicente, Marinheiro Sem Água, Império do Guarani, Unidos da Serra, Unidos da Corrente, e Águia Dourada.

D) **Blocos afros** – Bloco da Consciência Negra, Bloco Afro Tradição, Ioruba, Aláfia, Oriza Negra, Flor do Ébano, Ogun Xorokê, Raízes Negras e Ilê de Malê.

E) **Bloco de índio** – Apaches.

F) **Grupos culturais** – Fundação Cultural Oriza Negra, Movimento Cultural Ogun Xorokê, Grupo Consciência Negra.

Houve dinamismo no período estudado, os grupos podiam modificar suas práticas se aproximando ou distanciando daquela classificação em que se encontram nesse inventário. Assim como podiam migrar gradativamente para outros fazeres artísticos de rua como foi o caso da Batucada Unidos do São Vicente que se apresenta na rua primeiro em 1952, liderada por dona Dió, já na década de 1970, havia se transformado na Escola de Samba União do São Vicente. Encontramos na pesquisa diversos casos de batucadas que se transformaram em escolas de samba, assim como, a partir da década de 1990, as escolas de samba tenderam a se transmutar em blocos afros.

Enquanto isso, os afoxés mantiveram seu formato desde que surgiram, na década de 1940, até suas últimas apresentações no século XXI. Atravessando, até mesmo, a mudança para micareta em 1989, quando a festa tendeu a uma profissionalização que implicou em diversas mudanças.

FUNDAMENTOS DA MEMÓRIA

É fundamental para a análise da relação entre os grupos carnavalescos e o movimento social negro que se instala em Vitória da Conquista por meio deles, o uso do conceito de memória coletiva proposto por Maurice Halbwachs (HALBWACHS, 2006). Diz o autor o “[...] pensamento social é basicamente uma memória, e todo o seu conteúdo é composto de memórias coletivas, mas somente aquelas memórias que a sociedade, trabalhando em seus quadros atuais, pode reconstruir, permanecem presentes na sociedade” (HALBWACHS, 2004, p. 344). A memória dos sujeitos se ancora no conjunto dos quadros sociais da memória coletiva, constituídos pelos grupos sociais com os quais nos envolvemos ao longo da vida tais como: a família, a escola, o lugar em que trabalhamos, a igreja, o terreiro, a escola de samba, o grupo carnavalesco de que fazemos parte e outros.

Segundo Maurice Halbwachs, os objetos materiais “nos oferecem uma imagem de permanência e estabilidade” (HALBWACHS, 2006, p. 157). Ainda, segundo o autor, o equilíbrio mental depende, entre outras coisas, dos objetos materiais que constituem as imagens espaciais, desempenhando na memória coletiva o papel de depositários de significados que utilizamos para reconstruir o passado, para este estudo, tais elementos podem ser considerados como constitutivos das identidades.

A maioria dos grupos, aqui chamados associações negras e mestiças do carnaval de rua entre 1940 e 2000, se encontrava envolvida de algum modo com os ritos e símbolos das religiões de matriz africana, no caso dos afoxés, completamente imersos nessa religiosidade, sobretudo, a umbanda. Vários registros, entre as mais de 1900 fotografias encontradas no APMVC e os depoimentos tomados para a pesquisa da tese de doutoramento confirmam esse envolvimento.

Finalmente, o uso metodológico da memória em constante diálogo com a História, revela caminhos e encruzilhadas para esta pesquisa. O conceito de memória coletiva e a correlata importância dos quadros sociais de memória, desenvolvidos por Halbwachs, contribuiu diretamente para alargar o horizonte metodológico da História, ao longo do século XX, ao ser articulado pelos historiadores e intelectuais que gravitavam no círculo da revista dos *Annales*, editada na França a partir de 1929. Entre eles, Lucien Febre, Marc Bloch, Fernand Braudel, Jacques Le Goff, Pierre Nora e vários outros que conferiram à ciência historiadora novas abordagens, novos objetos de estudo e novas problemáticas.

A atenção que a memória requeria dos quadros sociais, incorporada à História, fez emergir novos objetos de conhecimento como a vida camponesa, a moda, a linguagem, os

operários, as mulheres, os negros e outros, descortinados em novas problemáticas e novas abordagens que acabaram por produzir novos domínios da História, como por exemplo a história cultural atenta às representações (CHARTIER, 2002), a qual produziu novos campos teóricos em que se inserem pesquisas, como esta que agora se intenta sobre os significados sociais dos processos de carnavalização.

Quase todos os membros das entidades carnavalescas eram “[...] pessoas do lado da raiz africana (...) com uma mistura de cor.”³ eram, em sua maioria, pessoas que possuíam algum vínculo com os terreiros de candomblé. É o que informa José Carlos Mendes Correia, liderança hoje, do terreiro de nação Angola *Ilê Asé Kossioni Lê*, conhecido como pai Celi, referendado por outras fontes como um agente social de relevo no carnaval conquistense. Pai Celi conta que começou a frequentar o carnaval na década de 1970, como membro da Escola de Samba União do São Vicente e, a partir de 1985, foi organizador de entidades premiadas em várias edições do carnaval como a Escola de Samba Águia Dourada, o bloco afro Raízes Negras e o Afoxé Filhos de Iansã (Figura 1).

A memória religiosa nos processos de carnavalização



Figura 1 – Desfile do Afoxé Filhos de Iansã no carnaval de 1986.

Fonte: APMVC – Acervo de fotografias das festas populares/carnaval/1970 a 1987/caixa 103.

A Figura 1, apresenta uma fotografia de 1986, de autoria de Edna Nolasco, em que um afoxé faz seu desfile. No plano de fundo alguém ergue um estandarte, identificado

3. Entrevista com José Carlos Mendes Correia, pai Celi, sacerdote, 67, em 21.02.2019.

por pai Celi⁴, como Afoxé Filhos de Iansã. O próprio desfile dos diversos afoxés, grupos carnavalescos que frequentemente estão associados a algum terreiro de candomblé causava espécie. Para algumas pessoas, era acintoso vê-los, em seu desfile, trazer à cena o protagonismo de grupos normalmente inferiorizados na sociedade conquistense. Representações de Oxóssi e Oxum, às vezes Iemanjá e outros deuses; mulheres com danças xamânicas de mestiçagens indígenas e africanas, colares e miçangas que dançam junto com o corpo, cantando mantras do terreiro como - *Odé comorodé, odé arerê, odé comorodé*.

Segundo Roger Bastide, a “[...] maior parte dos afochés são de nação banto... Consiste, em resumo, na chegada da confraria até as ruas barulhentas da cidade, agora não mais sob a forma de um conjunto de sacerdotes e de fiéis” (BASTIDE, 1961, 117). Os simbolismos religiosos não perdem a solenidade nos afoxés, todos os gestos continuam investidos de respeito. A diferença é que ali não estão as divindades em si, os santos não podem descer no carnaval, “Simplesmente que se trata de um candomblé sem transe e sem possessão das filhas de santo pelos respectivos Orixá” (BASTIDE, 1961, p. 117) assim como os instrumentos utilizados não são consagrados. Pai Cely, liderança do Afoxé Filhos de Yansã, reitera esta noção “[...] não existiria esta questão da encarnação dos orixás nas pessoas que estavam no desfile. Isso aí não existia não viu. Nem tinha como porque era uma festa folclórica, até mesmo assim, com muitas coisas mundanas, bebida alcóolica... aí não podia”⁵. Melhor seria compreender o desfile do afoxé como uma respeitosa homenagem aos orixás que reproduz um conjunto de gestos ritualísticos do terreiro sem atingir o clímax do transe.

Segundo Itamar Aguiar, pesquisador das religiões de matriz africana na região de Vitória da Conquista, os bantos se fizeram presentes na religiosidade local desde o período colonial (AGUIAR, 1999, p. 44). Ocorre que a cosmologia banto, desde a África Central, é facilitadora de processos de hibridação com as tradições locais dos lugares onde chega. Por isso, proliferou na cidade os chamados candomblés de caboclo, ligados às tradições indígenas e sertanejas locais, e em seguida, a umbanda. Por volta da década de 1970, a maioria dos terreiros conquistenses se autodenominam umbanda (WANDERLEY, 2012, p. 86).

Na visão do sociólogo francês os terreiros banto eram depreciados em função de sua tendência a abandonar tradições africanas para se adaptar às demandas religiosas brasileiras, “...mas a utilização diabólica de Exú é principalmente obra dos candomblés bantos” (BASTIDE, 1961, p. 213). A associação de Exú ao diabo cristão configura, até hoje, uma das aporias mais caras à metafísica dos candomblés, configurando uma perversão da sua atribuição de sentido como senhor das encruzilhadas, aquele que abre caminhos desfazendo barreiras em todas as direções do cosmos, permitindo a multiplicidade de ligações que configura a própria forma organizativa do universo.

4. Entrevista com José Carlos Mendes Correia, pai Celi, sacerdote, 67, em 21.02.2019.

5. Entrevista com José Carlos Mendes Correia, pai Celi, sacerdote, 67, em 21.02.2019.

Ainda, segundo o autor, seriam os bantos responsáveis por manchar o nome das valorixás e babalorixás ao se aproveitar da credence e da boa vontade popular para se enriquecerem ilicitamente “Não negamos que o caso pode se produzir em certos terreiros bantos ou candomblés de caboclo, mas trata-se de seitas em franca desagregação, repudiadas com violência pelos verdadeiros [africanos]” (BASTIDE, 1961, p. 68).

Não cabe neste estudo uma análise ética sobre os candomblés de caboclo, os terreiros banto e a umbanda conquistenses. Importa aqui o papel que exerceram na base das organizações sociais que permitiram a associação do carnaval de rua com as culturas afro-indígenas. Neste interior nordestino, onde o cristianismo católico sertanejo brotava como a resistência dos mandacarus, não foi a dita “pureza” do culto gege-nagô que abriu caminhos à valorização de agenciamentos relacionados à cultura afro-brasileira mas, a plasticidade e o hibridismo da cultura banto, presente nos candomblés de caboclo e na umbanda.

Cabe atentar que pesquisas mais recentes têm identificado no candomblé de Caboclo o ritual banto de respeito aos “espíritos tutelares” (SLENES, 2018, p. 67), em que os praticantes do candomblé de nação Angola, de formação banto, ao chegarem numa nova terra, procuravam saber quem eram os deuses daquele lugar e incorporavam-nos ao seu culto. Desta forma, o que fora tomado como fraqueza ou impureza acaba sendo demonstração de força pelo respeito ao outro.

Note-se que os afoxés são mais associados às práticas banto que ao tradicionalismo gege-nagô. Daí a proliferação dos afoxés em Vitória da Conquista e sua importância em expor publicamente os elementos identitários caros às entidades do movimento negro que surgiram na cidade. Não foi coincidência que a partir do Afoxé Filhos de Yansã, surgisse o bloco afro Raízes Negras, também liderado por pai Cely. Conclui-se que sem a ousadia dos afoxés, o carnaval de rua conquistense não teria assumido o mesmo protagonismo negro e mestiço que damos conta agora.

A sociedade conquistense constituía-se então, majoritariamente cristã como se nota no quadro adiante (Figura 2), ao mesmo tempo, tanto o clero como parte significativa dessa sociedade consideravam que as religiões de matriz africanas eram profanas.

Segundo a maioria das fontes, até agora pesquisadas, o carnaval de rua se constituía como o lugar de excelência do protagonismo negro e mestiço de Vitória da Conquista. A população da cidade, que é de maioria negra, considerando pretos e pardos, totalizando 65,4 % (IBGE 2010), encontrava no processo de carnavalização a possibilidade de subverter a condição de invisibilidade social que lhe era imposta em outros lugares institucionalizados (SILVA, 2015).

Para o sociólogo Renato Ortiz, “[...]na verdade, as expressões culturais tornam-se uma forma privilegiada de se [fazer política]. No contexto latino-americano, no qual as desigualdades sociais são imensas, a cidadania é foco de tensão permanente na sociedade civil” (ORTIZ, 2017, p. 60). O que o autor observa para a América Latina, em geral, tem

especial cabimento no caso conquistense em que a memória religiosa vai se descortinando como elemento fundamental para a atribuição de um significado político, a uma prática eminentemente cultural.

O sociólogo Roger Bastide diz “[...] e se hoje não há uma conclusão entre os partidos políticos e as seitas religiosas, há ainda assim, uma política de candomblés. Essa política continua a dos calundus coloniais. É sempre forçosamente cultural” (BASTIDE, 1971, p. 326). Para o autor, o calundu, forma religiosa associada ao candomblé no período escravista, atuou politicamente no combate à escravidão, e emprestou esse sentimento de luta às religiões afro-brasileiras do século XX que, mesmo não se envolvendo em política partidária, continuava a política dos calundus operando de modo cultural. Um tipo análogo de atuação política através de uma expressão cultural pode ser observado nas associações negras e mestiças do carnaval de Vitória da Conquista, na segunda metade do XX, tal sua ligação com as religiões de matriz africana.

Se, por um lado, as associações carnavalescas aqui estudadas são expressões eminentemente culturais, não se configurando como movimentos negros de finalidade política, como aqueles observados em Vitória da Conquista, no final do século XX e início do XXI (SILVA, 2015), por outro, numa sociedade onde o protagonismo negro foi, frequentemente, invisibilizado ou inferiorizado, a apresentação positivada de elementos cênicos afro-brasileiros e indígenas no “abrigo das ousadias legitimadas pelo carnaval” (BAKHTIN, 2013, p. 11) apontam para uma construção de lugares de cidadania através do riso, da dança, da insubmissão, da música, da sensualidade, enfim, do jogo estético nos processos de carnavalização.

É possível aceitar que a maior parte dos que frequentavam o carnaval conquistense era católica, já que no período estudado (1950 – 2000), cerca de 90% da população brasileira se declarava católica, como demonstra o gráfico do IBGE (Figura 2). Sendo assim, por que a religiosidade de matriz africana predominava nos cenários da carnavalização em Vitória da Conquista?

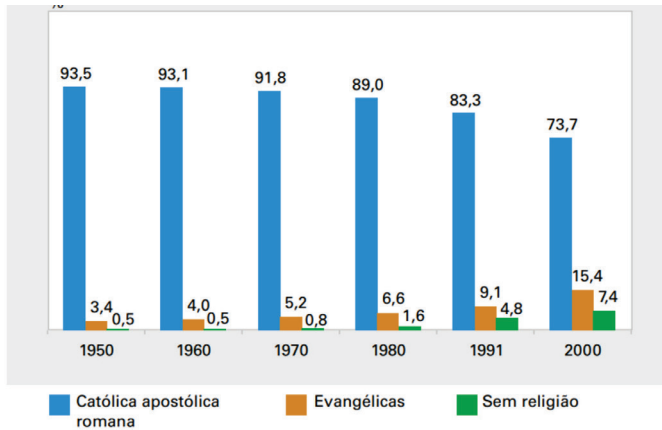


Figura 2 – distribuição da população brasileira por religião declarada.

Fonte IBGE, censo demográfico 1950/2000⁶

Escapa à estatística do IBGE, informações importantes sobre as religiões de matriz africana. Acontece que é muito comum aos seguidores dessas religiões, como umbanda e candomblé, declararem-se ao censo como católicos, seja por preconceito, uma vez que o racismo religioso é uma prática comum na sociedade brasileira, seja porque as religiões de matriz africana se constituam como lugares abertos, que recebem pessoas de outras crenças, sem lhes exigir que abandonem suas crenças anteriores. Permitindo a multiplicidade de credos e a mestiçagem e, nestes casos, é comum que as pessoas sejam católicas e, ao mesmo tempo, sejam de candomblé ou umbanda, mas declaram ao censo apenas a religião católica.

Como diz Halbwachs, “[...] as novas religiões não conseguem eliminar totalmente as crenças suplantadas” (HALBWACHS, 2004, p. 216). Conforme o autor, mesmo quando uma nova religião é aprendida ou imposta, as crenças antigas continuam coexistindo no quadro social da memória religiosa, sobretudo, pela preservação dos ritos, mas também quando os antigos mitos continuam produzindo efeitos de sentido numa sociedade. Assim, é muito comum que as religiões de matriz africana possuam presença marcante em diversas cidades brasileiras sem que sejam percebidas nos censos.

Vitória da Conquista se encaixa neste perfil de sociedade cuja presença da umbanda e do candomblé é relevante, mas que não aparecem nos censos, como demonstra pesquisa de Itamar Aguiar (2007). Sobretudo, chama atenção nessa cidade, a invisibilização social de negros e mestiços nos lugares institucionalizados. Isto torna mais pertinente tentar compreender os significados sociais do simbolismo religioso na composição dos processos de carnavalização.

6. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tendencias_demograficas/comentarios.pdf acesso em: 19.10.2018.

Deste modo, a inserção das religiosidades de matriz africana nesse cenário carnavalesco contribuiu para o estabelecimento, afirmação e posituação de representações identitárias afro-brasileiras, indígenas e mestiças normalmente impedidas em outros eventos da vida pública conquistense. Os elementos religiosos contribuíam para a estabilidade da memória dos grupos sociais que portavam plenamente ou parcialmente essas características identitárias. Conforme Maurice Halbwachs “Os ritos consistem em um conjunto de gestos, palavras, objetos litúrgicos, fixados em uma forma material (...) o rito é talvez o elemento mais estável da religião” (HALBWACHS, 2004, p. 256).

Para o autor, é a materialidade dos ritos que garante a permanência de uma dada crença num quadro social de memória. A umbanda, que predominava nos afoxés do carnaval conquistense, é uma religião de tradição oral, prolífica em ritos e elementos estéticos, facilmente mimetizados na cena carnavalesca. Uma saia com fitas amarelas remetendo ao orixá Oxum, um arco e flecha com apropriada estilização remetendo ao orixá Oxóssi, indumentárias diversas, mantras do terreiro, tornados músicas de carnaval, enfim, uma significativa diversidade de elementos dos terreiros apropriados na cena carnavalesca.

Conforme aponta Alberto B. Silva (2015), os movimentos negros na forma política que conhecemos hoje não existiam até 1985 em Vitória da Conquista. A primeira organização de movimento negro, chamado “Consciência Negra”, é fundada em 1986. Parte significativa dos membros do “Consciência Negra” e de diversas outras entidades ligadas aos movimentos negros da cidade foram pessoas que tiveram participação ativa nos processos de carnavalização. Eram foliões assíduos, donos de batucadas, músicos, líderes de escola de samba ou de afoxé, organizadores de blocos afro, enfim, pessoas que se envolveram significativamente com os processos de carnavalização. Ou seja, parte relevante da memória da carnavalização foi herdada pela maioria dos movimentos políticos que se auto identificavam como movimentos negros.

Mesmo os Agentes de Pastoral Negros (APNs), entidade nacionalmente vinculada à igreja Católica, e uma das principais organizações do movimento negro no Brasil e em Vitória da Conquista, teve em seu surgimento, no caso conquistense, uma ligação umbilical com o carnaval. Uma de suas principais lideranças – Elizabeth Ferreira Lopes Moraes⁷, a popular Beta, afirma que percebeu seu envolvimento político quando frequentava os carnavais, mesmo ela católica, na maior parte de sua trajetória, teve marcada a memória com as passagens dos afoxés e blocos afros.

Se pensarmos que, o que se é conservado na memória coletiva religiosa é justamente aquilo que desempenha função útil na comunidade, então, um dos motivos pelos quais a religiosidade de matriz africana predominava na cena carnavalesca, em Vitória da Conquista, é que ela constituía um quadro social de memória. Esta ancorava parte de uma identidade para aquela população que fazia o carnaval na rua, principalmente pela sua capacidade de transferência, negociação ou apropriação dos ritos e símbolos

7. Fonte: entrevista concedida por Elizabeth Ferreira Lopes Moraes, 61, professora, em 11/03/2017.

sagrados no processo de carnavalização, num momento em que não havia um vocabulário político de movimentos negros em Vitória da Conquista, pelo menos, do modo como o conhecemos hoje.

Em Vitória da Conquista, na segunda metade do século XX, como apontam as evidências até agora colhidas nas fotografias e nas narrativas de entrevistados, enquanto as elites faziam o carnaval nos clubes, como sugerem diversos entrevistados “[...] a rua era negra”⁸, predominava no carnaval de rua a presença das populações negra e mestiça, maioria no tecido social da cidade. Além dos afoxés, vários grupos carnavalescos reproduziam representações das religiões de matriz africana. A carnavalização destes símbolos religiosos, retroalimentou o crescimento dos terreiros em sua forma umbandizada concomitantemente ao crescimento da festa carnavalesca conforme indicam os dados do IBGE⁹ e jornais locais¹⁰. Conforme apontou a pesquisa de Itamar Aguiar, no início do século XX, a cidade contava com 87 templos religiosos de matriz africana, (AGUIAR, 2007). Assim o próprio carnaval se inscreveu na memória desses construtos religiosos, como diz Halbwachs,

Embora, a memória religiosa pretenda desvincular-se da sociedade secular, obedece às mesmas leis da memória coletiva: não conserva o passado, o reconstrói com a ajuda de restos materiais, ritos, léxicos, tradições que esse mesmo passado havia deixado, mas também com a colaboração de dados psicológicos e sociais recentes, em outras palavras com o presente. (HALBWACHS, 2004, p. 260)

Importa a este estudo, sobremaneira, a noção de que a memória coletiva “[...] não conserva o passado, o reconstrói” Tomamos de empréstimo do passado, lembranças que podem nos ser úteis no presente, por isso diz-se que a memória é uma operação que se lança do presente para o passado. São as balizas do presente que ditam aquilo que recuperamos ou não do passado, o que implica que este passado não é conservado tal qual aconteceu, outrossim ele é reconstituído a cada vez que lhe é solicitado pelo fenômeno da memória. Essa memória que é acionada pelos sujeitos, se ancora nos quadros sociais de memória.

Conclui-se que nos trânsitos entre cultura e política, os grupos que aqui denominamos associações negras e mestiças no carnaval conquistense, sobretudo os afoxés, se inscreveram na memória religiosa de matriz africana e nas construções identitárias do movimento social negro da cidade. Nas linguagens da festa, da derrisão, da embriaguez, da música, da dança, do corpo, dos mitos e outras. Tais grupos faziam emergir junto à vontade dionisíaca da farra, um discurso estético que incluía no evento coletivo mais importante da cidade – o carnaval – o protagonismo de grupos sociais que, em outros domínios, se

8. Entrevista concedida por João Paulo Pereira, professor, 49 anos, em 08.11.2017.

9. Fonte: IBGE. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro, 1958, v. 21, p. 417. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_21.pdf acesso em 29.06.2020

10. Fonte: APMVC – O combate ano XV, fevereiro de 1944.

encontravam invisibilizados, desvalorizados ou negados. Elidiram-se nessas entidades carnavalescas, símbolos, práticas e representações estéticas que podiam se converter em enunciados políticos maiores que um estandarte partidário.

REFERÊNCIAS

Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista (APMVC). Acervo de fotografias das festas populares.

IBGE, censo demográfico 1950/2000. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tendencias_demograficas/comentarios.pdf acesso em 19.10.2018.

AGUIAR, Itamar Pereira. **Do púlpito ao Baquiço: religião e laços familiares na trama da ocupação do Sertão da Ressaca**. Tese (doutorado em ciências sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

AGUIAR, Itamar Pereira. **Religiões Afro-Brasileiras em Vitória da Conquista: Caminhos da diversidade**. São Paulo: Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovicht. **Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2013.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações**. Segundo volume. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. M. M. Galhardo. 2.ed. Alges: Difel, 2002.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FARIAS, Edson. **Personalidade artística nos negócios mundanos: a celebração do “gosto do povo” em Joãozinho Trinta**. Revista Sociedade e Estado - Volume 27 Número 3, Setembro/Dezembro 2012.

FARIAS, Edson. **Multimodalidade da Memória e a Sociologia dos a Priori Sociais**. In Dossiê Multimodalidade da Memória: Narrativa e Teoria Social Arquivos do CMD, Volume 4, N.1. Jan/Jun, 2016.

FERREIRA, Marieta M. e AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2006.

_____. **Los marcos sociales de la memoria**. Caracas: Anthropos Editorial; Universidad de la Concepción; Universidad Central de Venezuela, 2004.

MAUAD, Ana Maria. **Atravéz da imagem: fotografia e História interfaces**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, 1996, p. 73-98.

MOURA, Milton Araújo. **A fotografia numa pesquisa sobre a história do Carnaval de Salvador**. Domínios da Imagem, Londrina, v. iii, n. 5, p. 109-122, novembro 2009

MOURA, Milton. **Cultura e diversidade. Considerações sobre a multiplicidade das manifestações**. Antíteses (Londrina), v. 3, p. 321-346, 2010.

ORTIZ, Renato. **A Problemática Cultural no Mundo Contemporâneo**. Política & Sociedade - Florianópolis - Vol. 16 - Nº 35 - Jan./Abr. de 2017.

SILVA, Alberto Bomfim da. **Os Agentes de Pastorais Negros em Vitória da Conquista**. Dissertação de mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, UESB, 2015.

WANDERLEY, Ruddy Aquino. **Um curador sertanejo: memória e religiosidade afro-brasileira**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB: 2012.

SLENES, Robert W. **Africanos centrais**. In SCHWARCZ, Lilian Moritz; GOMES, Flávio dos Santos. Dicionário da escravidão e liberdade. São Paulo: Cia das Letras, 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afoxés 163, 164, 166, 167, 169, 170, 173, 174

Amazônia Maranhense 107, 108

Assédio Sexual 1, 2, 3, 7, 8, 15, 16

B

Belle Époque 37, 38, 43, 44, 161

Brasil 2, 7, 14, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 36, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 61, 65, 72, 73, 74, 76, 78, 81, 85, 89, 92, 93, 109, 114, 119, 120, 122, 124, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 158, 163, 165, 173, 175, 182, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 195, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 220, 221, 230, 231, 233, 255, 265, 266, 269, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297

C

Camponeses 93, 94, 95, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 127

Comunidades 79, 80, 86, 87, 88, 89, 94, 95, 99, 101, 103, 107, 109, 111, 113, 115, 116, 117, 118, 120, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 184

Cura 145, 150, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 162

D

Decolonial 79, 80, 81, 84, 90, 91, 93

Diocese 77, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 177, 178, 180, 186

Ditadura Militar Brasileira 263, 297

E

Educação Infantil 31, 32

Ensino de História 298

Escolas 1, 3, 7, 12, 14, 15, 16, 20, 25, 81, 87, 119, 146, 147, 166, 184, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 282

Esquerda 113, 280, 288, 289, 291, 294, 295, 296, 297

Estudo de Caso 1, 3, 31, 32, 35, 126

Exposed 1, 2, 3, 7, 9, 12, 13, 14, 15, 94

F

Federações Camponesas 94

Feminismo 31, 32, 33, 34, 35, 36, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93

G

Gênero 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 44, 46, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 217, 265, 298

Geografia 76, 107, 115, 116, 118, 187, 298

H

História 1, 7, 17, 28, 29, 30, 32, 36, 37, 38, 44, 45, 46, 52, 53, 54, 77, 78, 79, 81, 87, 90, 91, 92, 93, 105, 107, 110, 114, 118, 119, 124, 130, 131, 132, 136, 152, 154, 155, 162, 163, 165, 167, 168, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 194, 203, 205, 206, 207, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 242, 255, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 264, 270, 271, 273, 274, 275, 281, 282, 283, 287, 288, 289, 297, 298

I

Indígenas 55, 56, 59, 60, 68, 72, 74, 75, 76, 80, 83, 89, 90, 107, 109, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 123, 127, 132, 134, 136, 139, 140, 141, 169, 170, 171, 173, 180

Insurgência 132, 141

L

Luta pela Terra 79, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 91, 92, 103, 120, 121, 123, 125, 128, 129, 130

M

Medicina 24, 27, 28, 55, 76, 107, 156, 157, 158, 159, 161, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203

Memórias 113, 131, 167, 182, 189, 206, 208, 216, 263, 266, 267, 269, 272

P

Paradigmas 263, 264

Pentecostalismo 144, 145, 148, 149, 150, 151, 153

Peregrina 219, 224, 227

Q

Quilombolas 80, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 123, 125

R

Religião 48, 72, 88, 118, 120, 130, 131, 133, 135, 137, 140, 142, 144, 148, 151, 152, 153, 172, 173, 175, 220, 222, 226

Religiosidade 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 167, 169, 171, 173, 176, 219, 222, 225

Repentista 204, 205, 206, 214, 216

Representações 37, 38, 44, 54, 78, 80, 112, 154, 161, 163, 164, 165, 168, 169, 173, 174,

175, 177, 182, 185, 204, 219, 229, 276, 278, 280

Retratos Fotográficos 37, 38, 39, 43, 44

S

Sala de Aula 1, 2, 3, 7, 10, 12, 14, 15, 31, 205

Saúde 1, 7, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 100, 107, 147, 156, 158, 159, 161, 187, 189, 190, 191, 192, 196, 203, 211, 284

Sexualidade 3, 4, 6, 7, 15, 32, 33, 45, 47, 48, 50, 53, 54, 76, 78, 81, 83, 84, 91, 92

Sociedade Colonial 45, 52

V

Vida Pública 126, 173, 231

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 4

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 4